

## **BILAC: PARNASO LÍRICA AMOROSA**

José Quintão de OLIVEIRA\*

**Resumo:** Este pequeno ensaio é uma leitura parcial da crítica sobre o poeta Olavo Bilac. É uma tentativa de discutir uma parte da poética bilaquiana que não é comumente discutida. Na verdade, os poemas de Bilac não têm sido muito estudados atualmente pela crítica universitária. Aparentemente, o preconceito tem escondido a produção desse importante poeta que foi o criador de alguns dos mais belos sonetos da Poesia brasileira. Poeta multívoco, ele cantou em diferentes diapasões, tangendo sua lira amorosamente ou satiricamente, conforme o momento. Entretanto, lembramo-nos apenas o poeta retórico e patrioteiro. Por que isso acontece? O ensaio conclui-se com a interpretação de um de seus poemas, tão belo quanto esquecido.

**Palavras-chave:** Poesia, Parnasianismo, Bilac

### **Introdução**

Este pequeno ensaio crítico é composto de duas partes principais. A primeira repassa rapidamente parte da fortuna crítica do poeta Olavo Bilac num recorte particular. Em seguida procede-se à análise de um soneto como representativo de uma certa lírica bilaquiana, amorosa e expressa com o rigor formal característico do Poeta. Trata-se de uma visada que quer dialogar com a crítica ao Poeta ao mesmo tempo em analisa sua produção lírica. O Bilac poeta oficialesco projetou uma sombra que recobriu sua produção lírica, ofuscando-a. Outras camadas além daquelas geradas pelos poemas retóricos ajudam nesse recobrimento, mas isso não é aqui o mais importante. Este ensaio se justifica mesmo por trazer uma amostra, ainda que fragmentária de um empreendimento poético caracterizado tanto pelo apuro formal quanto pela capacidade de atingir picos de rara beleza e lirismo.

---

\* Licenciado em Letras, Língua portuguesa. Professor substituto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Fale/UFMG). jjojjo@yahoo.com.br

## O poeta multívoco

Seguem quatro fragmentos de quatro diferentes poemas e um poemeto completo. O primeiro deles, “O caçador de esmeraldas”, de Olavo Bilac; o segundo, um poema de extração simbolista. Segue-o a primeira quadra de um soneto parnasiano que quase todo leitor de poesia conhece. O fragmento de número quatro é um poema indianista – recordação dos tempos da Escola –, quem não passou por eles? E, por último, um pequeno poema satírico; esse, completo:

- 1) *Foi em março, ao findar das chuvas, quasi à entrada<sup>1</sup>  
Do outono, quando a terra, em sede requemada,  
Bebera longamente as águas da estação,  
– Que, em bandeira, buscando esmeraldas e prata,  
À frente dos peões filhos da rude mata,  
Fernão Dias Paes Leme entrou pelo sertão<sup>2</sup>*
- 2) *Sinto às vezes, à noite, o invisível cortejo  
De outras vidas, num caos de clarões e gemidos:  
Vago tropel, voejar confuso, hálito e beijo  
De coisas sem figura e seres escondidos<sup>3</sup>...*
- 3) *Fulge de luz banhado, esplêndido e suntuoso,  
O palácio imperial de pórfito luzente  
E mármore da Lacônia. O teto caprichoso  
Mostra, em prata incrustado, o nácar do Oriente.*
- 4) *Foi a essa hora, – às mãos o arco possante, à cinta  
Do leve enduape a tanga em várias cores tintas,  
A aiucara ao pescoço, o canitar à testa, –  
Que Tapir penetrou o seio da floresta,*

---

<sup>1</sup> A ortografia e a acentuação de todos os poemas de Bilac citados neste ensaio foram atualizadas; preservou-se a pontuação bem como as maiúsculas iniciais presentes no original.

<sup>2</sup> Bilac, 1931. p. 263.

<sup>3</sup> Bilac, 1931. p. 379.

*Era de vê-lo assim, com o vulto enorme ao peso  
Dos anos acurvado, o olhar faiscando e aceso,  
Firme o passo apesar da extrema idade, e forte.*

5) *Casou Pafúncio Menezes  
Com Dona Ana de Tabordo  
E, ao cabo de cinco meses,  
Nasceu-lhes m bebê gordo.*

*Ele com ar de tirano  
Se arrepele e desespera:  
“Senhora! ou muito me engano  
Ou antes de ser já era!”*

*Mas diz Dona Ana em segredo:  
“Homem, não seja covarde!  
O bebê não nasceu cedo:  
Você é que casou tarde!”*

Ao leitor incauto agora se pergunta: o que têm em comum esses cinco poemas? Serão, certamente – tão diferentes entre si – de cinco diferentes poetas. Exatamente. Cinco diferentes poetas, atendendo todos pelo mesmo nome, Olavo Bilac, a quem Agripino Grieco chamou de “poeta ondulante e múltiplo<sup>4</sup>” que, segundo o crítico, poetava como uma bailarina luminosa.

Esse Bilac, o poeta dos poemas cívicos; o poeta da campanha pelo serviço militar obrigatório; o poeta das palavras cheirando à erudição; o poeta da “copiosa temática greco-romana haurida nos parnasianos franceses<sup>5</sup>”, mas também, – o Poeta. Dono de uma produção poética pequena (pode-se dizer que publicou um único livro em vida), mas, vasta o bastante para conter todos esses poetas e mais alguns aqui não citados, Olavo Braz

---

<sup>4</sup> GRIECO, Agripino. *Evolução da poesia brasileira*. Apud: BILAC, Olavo. *Poesia*. 4.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1970. Coleção Nossos Clássicos. p. 106

<sup>5</sup> Bosi, 1974. p. 255.

Martins dos Guimarães Bilac que também é o poeta cujo nome é um alexandrino perfeito, compôs poemas de rara beleza e sensibilidade. Foi jornalista militante, redator de versos publicitários e pregador cívico. Duas vezes iniciou carreira de estudante. Primeiro tentou estudar Medicina no Rio de Janeiro; depois foi estudante de Direito em São Paulo, curso também não concluído. Esse estudante fracassado morreu como o poeta mais amado do seu tempo. Antonio Candido diz que

*Na sua obra há uma combinação feliz da tradição clássica portuguesa com o exemplo dos parnasianos franceses, refundida por um ardente temperamento plástico e retórico. Em nossa literatura, não há muitas de tão acabada perfeição formal, seja na pureza da língua, seja na habilidade da versificação*<sup>6</sup>

Poeta rigoroso, “As más rimas são imperdoáveis<sup>7</sup>”, abre seu livro *Poesias* com uma Profissão de fé que norteou seu fazer poético, estabelecendo uma espécie de leito estético pelo qual fluiria expressiva parte da sua lírica:

*Não quero o Zeus Capitolino,  
Hercúleo e belo,  
Talhar no mármore divino  
Com o camartelo.*

*[...]  
Seduz-me um leve relicário  
De fino artista.*

*Invejo o ourives quando escrevo:  
Imito o amor  
Com que ele, em ouro, o alto relevo*

---

<sup>6</sup> Candido; Castelo, 1968. p. 246.

<sup>7</sup> Bilac; Passos, 1930. p. 71.

*Faz de uma flor.*

Esse poeta-ourives, artífice do poetar, nem sempre se guiou por esse ideal de uma poesia que seria mais forma que lira. Mas, poetou sempre acorde com o rigor da forma, operando segundo regras que dominou como nenhum outro. Entretanto, havia mais que rigor e formalismo nesse poeta, o que levou Ronald de Carvalho a dizer que “Olavo Bilac, em sua primeira fase, deu-nos uma poesia temperada de ironia e esplendor<sup>8</sup>”. Segundo o mesmo Carvalho, a poética bilaquiana era dotada de uma “nostalgia, sempre corrigida de uma constante exaltação das belas formas da natureza<sup>9</sup>...” Outro poeta, Manuel Bandeira diz que

*Ao contrário dos seus gloriosos companheiros, que tatearam com indecisão a cidadela da Forma, Bilac, ao estrear com o seu volume de Poesias, aos vinte e três anos, se apresentava no maior rigor da nova escola, e no entanto com uma fluência na linguagem e na métrica, uma sensualidade à flor da pele que o tornavam muito mais acessível ao grande público<sup>10</sup>..*

A causa de as poesias cívica e parnasiana (no mais estreito sentido dos termos) terem se sobreposto à totalidade da poética bilaquiana, ofuscando-a, talvez se deva, entre outros, ao fato de o poeta ter sido tomado como um dos alvos preferenciais das setas que o Modernismo arremessou contra nosso então recente passado literário. Entretanto, é bom lembrar que Mário de Andrade, o considerava um grande poeta, tendo inclusive lhe dedicado um estudo na série “Mestres do passado”, forma elegante de combater o parnasianismo reconhecendo o valor dos parnasianos. Há também as campanhas cívicas em que Olavo Bilac se envolveu, facilmente vinculáveis à imagem de poeta épico patrioteiro e conservador. Perdeu com isso a imagem que herdamos do Poeta e perderam muitos amantes da Poesia,

---

<sup>8</sup> CARVALHO, Ronald de. Pequena história da poesia brasileira. Apud: BILAC, Olavo. Poesia. 4.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1970. Coleção Nossos Clássicos. p. 106.

<sup>9</sup> Obra citada.

<sup>10</sup> Bandeira, 1957. p. 100.

que assim, toldados pelo preconceito, terminaram por não ter a oportunidade de conhecer um grande poeta com uma rica e diversificada produção.

Mário de Andrade, já acima citado, no “Prefácio interessantíssimo”, diz do poeta: ”Bilac representa uma fase destrutiva da poesia; porque toda perfeição em arte significa destruição<sup>11</sup>.” O autor de *Paulicea desvairada* diz ainda que

*Bilac, Tarde, é muitas vezes tentativa de harmonia poética. Daí, em parte ao menos, o estilo novo do livro. Descobriu, para língua brasileira, a harmonia poética, antes dele empregada raramente. (Gonçalves Dias, genialmente, na cena da luta, Y-Juca-Pirama). O defeito de Bilac foi não metodizar o invento; tirar dele todas as conseqüências. Explica-se historicamente seu defeito: Tarde é um apogeu. As decadências não vêm depois dos apogeus<sup>12</sup>.*

É bom, também, lembrar que Bilac é o nome mais citado nesse prefácio que representa um dos mais importantes documentos do Modernismo brasileiro.

Marisa Lajolo diz que o poeta

*Olavo Bilac foi uma das mais ricas personalidades da fascinante belle époque brasileira. [...] Rompeu com a família por abandonar o curso de Medicina e, mais tarde, o de Direito. Por ser poeta e boêmio, não inspirou confiança à família de sua primeira noiva, a irmã do poeta Alberto de Oliveira. Foi jornalista polêmico, cronista de jornal, redator de anúncios e autor de versos satíricos e licenciosos*

---

<sup>11</sup> Andrade, 1974. p. 26

<sup>12</sup> Andrade, 1974. p. 25.

*[...] Bateu-se em duelos, esteve várias vezes em Paris, integrou comitivas presidenciais e mantinha um prosaico emprego de inspetor escolar. Foi abolicionista, republicano e antiflorianista, a ponto de ter de exilar-se em Minas Gerais depois de ter sido preso, durante quatro meses, por ordem do Marechal de Ferro. Liderou campanhas nacionais pelo serviço militar obrigatório, pela instrução primária e pelo escotismo<sup>13</sup>.*

Segundo José Veríssimo, a edição revista dos poemas de Olavo Bilac, lançada em 1902, portanto quatorze depois da primeira edição, de 1888 nada acrescenta àquela em termos de retrabalho dos versos. Diz o crítico que excetuados os acréscimos (os poemas de Alma inquieta e As viagens e O Caçador de esmeraldas), o livro é o mesmo. Eis o que diz:

*Como poeta, o Sr. Bilac é hoje o mesmo que era há quatorze anos. Contraprova por assim dizer material disso, é que decorrido tanto tempo o poeta, tão caprichosamente cuidadoso de sua forma, republicando seus versos, não achou que corrigir, emendar ou modificar neles; – não se deparou, ao menos, exemplo de o haver feito<sup>14</sup>.*

Não há como verificar neste momento tal fato dado não se ter à mão a edição dos versos de Bilac lançada em 1888. João Etienne Filho<sup>15</sup> contesta tal afirmação apoiado em Raymundo Magalhães Jr. e seu livro *Olavo Bilac e seu tempo*.

### **A fábrica do poeta**

---

<sup>13</sup> Lajolo, 1985. p. 8.

<sup>14</sup> Veríssimo, 1977. p. 13

<sup>15</sup> ETIENNE FILHO, João. Revisão de José Veríssimo. In: VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. 5. série. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. p. 1-7.

Polêmicas à parte, o próprio Veríssimo reconhece sem restrições a habilidade poética e o talento de Bilac. Considerando-se os versos de *A tarde* e mesmo as partes acrescentadas ao livro *Poesias* na edição de 1902, o leitor só ganhou no caso de não ter ocorrido uma refatura dos versos de 1888 reivindicada pelo crítico. O apuro formal e o rigor e sobretudo a beleza alcançados pelo jovem poeta dos trinta e cinco sonetos da “Via Láctea” não seriam nunca superados por Bilac. Convém lembrar que assim como não são toleráveis a um artista da palavra com o nível de exigência de Bilac, os versos com a “sintaxe truncada, o metro cambaio, a indigência das imagens e do vocabulário, a vulgaridade do pensar e do dizer<sup>16</sup>”, também o devem ser os versos excessivamente trabalhados, os versos limados além da conta. Há aí uma linha de equilíbrio que o poeta deve buscar e tomar como trilha no seu trabalho artístico. Assim, caso não tenha ocorrido a reivindicada revisão, isso poderia ser antes de tudo sinal de senso crítico e de clara compreensão dos próprios limites no labor poético de quem escreveu versos como:

*Longe do estéril turbilhão da rua,  
Beneditino, escreve! No aconchego  
Do claustro, na paciência e no sossego,  
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!*

*Mas que na forma se disfarce o emprego  
do esforço; e a trama viva se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua,  
Rica mas sóbria, como um templo grego.*

*Não se mostre na fábrica o suplício  
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,  
Sem lembrar os andaimes do edifício:*

*Porque a Beleza, gêmea da Verdade,  
Arte pura, inimiga do artifício,  
É a força e a graça na simplicidade<sup>17</sup>.*

---

<sup>16</sup> Bilac apud Candido; Castello, 1968. p.

<sup>17</sup> Bilac, 1931. p. 339.



Temos aí um poeta que sabe até onde alcança seu estro. O soneto acima, “A um poeta”, é parte do livro *Tarde*, obra publicada postumamente, em 1919. trata-se de uma espécie de descrição da maquinaria do ideal poético exposto na “Profissão de fé”. Tem-se aí um poeta que compreende e domina como poucos o maquinismo do fazer poético; que conhece as engrenagens da Poesia e sabe, como poucos o souberam, fazê-las girar.

### **Perto do turbilhão da rua**

Como já se viu, o Poeta não se prendeu a uma só forma no seu poetar, trilhou também outros caminhos além das contidas e classicizantes rimas caras ao Parnaso. Eloy Pontes informa que Bilac publicou nos jornais da época mais de mil poemas satíricos. Segundo o biógrafo,

*Mais tarde Olavo Bilac teve medo de que o humorista empanasse o artista em triunfo. No entanto, fora o maior poeta irônico do seu tempo.. ninguém escrevera sátiras com tanta graça e penetração. [...] Somam por mais de mil os poemas humorísticos que abandona, escritos ao longo de dez anos, au-jour-le-jour, à mercê dos acontecimentos, de simpatias e antipatias fortuitas, de caprichos e birras injustificáveis. Olavo Bilac, num largo período de atividades literárias, só escreve para a imprensa. Escreve e não publica em volume<sup>18</sup>.*

Embora tenha desfrutado de certo convívio com os poderosos, participado de comitativas presidenciais e desempenhado funções públicas em comissão, o poeta parece nunca ter confiado muito nos políticos, deles legando uma imagem nada lisonjeira em sua produção satírica. Não só Floriano com sua queda para o autoritarismo e para o mandonismo foi

---

<sup>18</sup> Pontes, 1944. p. 229

alfinetado por Bilac. Muitos outros poderosos da política também o foram, já que parecia ser uma questão de temperamento, ou de desconfiança profunda (altamente merecida, diga-se) diante dos procedimentos e práticas dos políticos em geral. Daí, versos como estes:

*Sete de maio! E as câmaras fechadas...  
Quando é que vos abris,  
Senado – ninho d águias emplumadas,  
Câmara – ninho de águias infantis<sup>19</sup>?...*

*Senhor... Veja Vossa Excelência!  
Cousas de arrepiar, cousas contra a decência!  
Querem fazer de mim – lei pudica e donzela –  
Uma Constituição de alcouce e de viela<sup>20</sup> ...*

*E o político, enfim, alma danada,  
Apóstolo da Fraude e da Mentira,  
Pescador de águas turvas, não faz nada,  
– Conspira<sup>21</sup>...*

A sátira política de Bilac cumpria o papel hoje assumido pela crônica, com a vantagem de, por serem rimados e muitas vezes se servirem de refrões, seus versos eram de mais fácil memorização, fato assaz importante numa época onde a grande maioria da população era constituída por analfabetos. São textos de intervenção, que retratam o dia-a-dia da Capital da jovem República; os conchavos e as manobras tão caros aos poderosos. Olavo Bilac deixou também uma grande produção de versos eróticos, de grande graça e malícia.

O poeta que escreveu versos como “Parabéns... padre Jacinto!/Eu...logo...vi...que o calor.../Parabéns, padre... Já

---

<sup>19</sup> Bilac apud Pontes, 1944. p. 223.

<sup>20</sup> Bilac apud Pontes, 1944. p. 214.

<sup>21</sup> Bilac apud Pontes, 1944. p. 229.

sinto/Que...rebentou o tumor<sup>22</sup>...” tratou à Igreja de uma forma não muito diferente á que usou para os poderosos da política e das Forças Armadas. Isto é, com muita malícia e irreverência:

*Ninguém jamais teve maridos tantos!  
Mulher nenhuma teve menos siso!  
E por ter enganado a tantos Santos,  
Quase, com seus encantos,  
Converteu num curral o Paraíso<sup>23</sup>.*

*Se o Santo Padre soubesse  
O gostinho que isso tem  
Vinha de Roma até cá  
Tocar zabumba também<sup>24</sup>.*

Essas são apenas algumas das vozes de um poeta multívoco e engajado na vida. Um homem que viveu com intensidade e paixão e que com intensidade e paixão escreveu sua obra. Ao contrário do poeta oficial e cívico presente nas antologias e livros didáticos.

Olavo Bilac tinha várias limitações como poeta. Não se falou especificamente delas nessas linhas pelo simplíssimo fato de essas limitações serem amplamente conhecidas e estarem mais que expostas na fortuna crítica do poeta. Não há como negar, por exemplo, a ausência da dúvida e da angústia nessa Poesia, o que constitui talvez a mais grave limitação da sua lírica. Entretanto, é praticamente unânime nessa crítica o destaque às qualidades desse parnasiano bem maior que o parnasianismo.

Da multiplicidade de vozes do poeta, a mais esfuziante talvez seja a voz erótico-amorosa, fortíssima nos poemas das “Sarças de fogo”, entre outros. A poesia de Bilac é percorrida por um impulso sensual que sua obra erótica não parece capaz de conter totalmente, deixando que transborde para

---

<sup>22</sup> Bilac, 1985. p. 112.

<sup>23</sup> Bilac, 1985. p. 117.

<sup>24</sup> Bilac, 1985. p. 125.

outras vozes do Poeta – “Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde / círculo! E sou perfume. e sombra, e sol, e orvalho<sup>25</sup>!” Esse erotismo transparece ainda nos poemas maliciosos já referidos, como nas redondilhas do poemeto *At home*, “Casou Pafúncio Meneses...”

Diz ainda Mário de Andrade do autor de “Via Láctea”: “Um dia Olavo Bilac amou, como todos os homens deste mundo. Amou simples e amou sentidamente<sup>26</sup>.” Refere-se o poeta dos “Poemas da negra” à lírica amorosa de “Via Láctea”. Essa lírica puramente amorosa é certamente a parte mais atraente, melhor resolvida poeticamente, do livro de Bilac *Nesses sonetos* o erotismo está contido ou sublimado. Faz-se ouvir neles uma voz em certa medida platoniana. O amor é a realização de uma completude à qual o humano parece predestinado. Há dor, há perda, mas a plenitude amorosa é maior. O amor é a suprema realização do ser humano, como em muitos dos sonetos de *Via Láctea* e mais outros encontráveis na obra do poeta, inclusive em *Sarças de fogo*, que reúne muitos poemas de um erotismo explícito e nada espiritualizado, como *Satânia*. Porém, nas *Poesias* de Olavo Bilac, “os bons poemas, cheios de poesia, não são poucos<sup>27</sup>”, insiste Mário de Andrade.

### **Canto de um dolorido amor**

A lírica amorosa bilaquiana é composta de dezenas e dezenas de poemas, muitos deles de grande beleza, todos eles formalmente perfeitos, como é característico da sua lavra. Dos muitos e belos poemas dessa obra, alguns merecem ser especialmente lembrados, como este que se segue, um dos trinta das *Sarças de fogo*. Para Manuel Bandeira, trata-se um soneto “digno de figurar entre os mais perfeitos da nossa língua<sup>28</sup>.” São os versos do soneto *Nel mezzo del camin*:

*Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada*

---

<sup>25</sup> Bilac, 1931. p. 285.

<sup>26</sup> Andrade, 1964. p. 286

<sup>27</sup> Andrade, 1964. p. 287.

<sup>28</sup> Bandeira, 1957. p. 102.

*E triste, e triste e fatigado eu vinha.  
Tinhas a alma de sonhos povoada,  
E a alma de sonhos povoada eu tinha...*

*E paramos de súbito na estrada  
Da vida: longos anos presa à minha  
A tua mão, a vista deslumbrada  
Tive da luz que teu olhar continha.*

*Hoje, segues de novo... na partida  
Nem o pranto os teus olhos umedece,  
Nem te comove a dor da despedida.*

*E eu, solitário, volto a face, e tremo,  
Vendo o teu vulto que desaparece  
Na extrema curva do caminho extremo<sup>29</sup>.*

Esse é um dos muitos poemas bilaquianos construídos de uma forma dialógica bastante comum na lírica desse poeta. Às vezes esse tu/vós a que ele se dirige é uma forma vacante, a ser preenchida pelo leitor. Muitas vezes Bilac se dirige a um grande poeta, como nos poemas dedicados a Bocage, Gonçalves Dias, Luiz Guimarães, Goethe. Outras vezes a um poeta inominado, talvez o eu-lírico do próprio Bilac, como no soneto “Inania verba<sup>30</sup>”. Mais comumente, porém, essa segunda pessoa é um espaço preenchido por uma mulher, o outro a que o tu se refere é a figura da amada.. Diz Marisa Lajolo que

*Coloquialismo e intimidade se instauram entre leitor e poeta por obra e graça do talento com que Bilac mimetiza, em seu texto, situações de diálogo: às vezes com a amada, presente em forma de vocativo; às vezes com o próprio leitor, alçado assim à condição de confidente e interlocutor, em cujos*

---

<sup>29</sup> Bilac, 1931. p.130.

<sup>30</sup> Bilac, 1931. p. 149.

*ouvidos o poeta desfia sua experiência. Bilac raramente fala sozinho*<sup>31</sup>.

O poema torna-s então uma espécie de diálogo entre o poeta e um ser ausente, no caso a mulher amada, cuja voz não se ouve, mas, apesar disso, ou talvez, exatamente por essa ausência, preenche o soneto de ponta a ponta.

Cabia muita coisa num soneto de Olavo Bilac. Nesse couberam duas vidas, com toda dor e exaltação que cabem em duas vidas quando elas se tocam. Na primeira quadra diz o poeta:

*Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada  
E triste, e triste e fatigado eu vinha  
Tinhas a alma de sonhos povoada,  
E a alma de sonhos povoada eu tinha*

São versos simples que usam o recurso simples da repetição e do paralelismo, dobrando com ligeiras alterações as sentenças e/ou versos. O poeta parnasiano serve-se de um recurso já muito usado desde as canções de amigo, cuja lírica embalou o nascimento da língua portuguesa. Essa simplicidade, no entanto, pode ser apenas aparente. Nesses versos alguma coisa mais ocorre. Olavo Bilac cria aqui um espelhamento, expresso nos pares Ceguei/Chegaste, Vinhas (tu)/ eu vinha, fatigada e triste/triste e fatigado. O espelhamento conclui-se pelos versos 3 e 4 “Tinhas a alma de sonhos povoada, / E a alma de sonhos povoada eu tinha...” Graficamente, pode-se assim representar o ocorrido:

Ceguei. ◀ . ▶ Chegaste.  
Vinhas (tu) fatigada E triste, ◀ e ▶ triste e fatigado eu vinha.  
Tinhas a alma de sonhos povoada, ◀ E ▶ a alma de sonhos povoada eu tinha...

---

<sup>31</sup> Lajolo, 1985. p. 15.

A partir da montagem gráfica percebe-se a simetria praticamente total entre os dois segmentos da estrofe. Obtém-se assim, uma oposição complementadora, eu/tu, masculino/feminino. Não se trata de um simples encontro de um homem e uma mulher, o espelhamento faz pensar em muito mais que isso. No mínimo, são dois seres que se completam e que a descrição espelhada sugere serem dotados de autonomia ante o mundo que os circunda, pois quando alguém olha um espelho, exclui o exterior que o espelho não abarca. Nessa ocasião, o mundo é a face contemplada. Trata-se de um encontro amoroso e o amor é narcísico<sup>32</sup>. Ama-se no outro o que de si nele vê quem ama. Os versos de Bilac mostram isso com simplicidade, sem ornatos, sem palavras desnecessárias.

*E paramos de súbito na estrada  
Da vida: longos anos presa à minha  
A tua mão, a vista deslumbrada  
Tive da luz que teu olhar continha.*

O segundo quarteto começa por um enjambement que se repete a seguir por mais duas vezes, quase tornando a estrofe de quatro versos em um terceto. O uso desse recurso dispensa a leitura escandida que seria necessária para o verso 7 caso isso não tivesse se ocorrido “E paramos de súbito na estrada da vida: / longos anos presa à minha a tua mão, / a vista deslumbrada tive da luz que teu olhar continha.”

---

<sup>32</sup> Há um poema de Fernando Pessoa, mais precisamente de Ricardo Reis., que fala do aspecto narcísico do amor erótico:

*Ninguém a outro ama, senão que ama  
O que de si há nele, ou é suposto.  
Nada te pese que não te amem. Sentem-te  
Quem és, e és estrangeiro.  
Cura de ser quem és, ama-te ou nunca.  
Firme contigo, sofrerás avaro  
De penas.*

(PESSOA. Fernando. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. p. 288).

Poetas não o são por acaso. Os versos iniciais, do espelhamento, descrevem o encontro dos amantes. Essa segunda quadra descreve seu idílio. Os “longos anos” que o amante teve, presa à sua, a mão da amada. Presas as mãos, provaram os amantes o deslumbramento de amar e sentir-se amados. A luz dos olhos da mulher amada deslumbra o Poeta, que parece nada mais precisar do mundo. Afinal, que é a luz do sol quando nos iluminam os olhos da pessoa amada?

Atente-se nesse segundo quarteto, para a presença da letra ‘a’ que aparece 21 vezes. Segundo o Bilac, essa letra: é “a primeira, a mais fácil, a mais franca, a mais freqüente. Exprime alegria, admiração, carinho entusiasmo<sup>33</sup>.” Mais ainda, a presença do fonema /a/ traz aos versos uma aparência de abertura, clareza, solaridade. É ainda o poeta quem diz: “Em todas as composições em que o A insiste, há sempre uma expressão boa e agradável, como nesta própria palavra<sup>34</sup>.”

“E paramos de súbito na estrada da vida”. Parar de súbito parece significar que o amor leva os amantes a interromper o fluxo da vida. Ou seja, o amor não é parte do curso normal da existência. Apaixonar-se é parar, opor-se a este curso. Súbito alguém se apaixona e estaca. A vida que fluía em sua rotina fica alterada, fora do seu curso habitual enquanto o amor domina os corações. Amar é, portanto, opor-se à corrente da vida frágil barragem que ousa conter rio impetuoso. Quem ama deveria então se lembrar de que não é possível opor-se indefinidamente ao fluir da existência. Mas que coração apaixonado lembrar-se-ia disso? A oposição ao fluxo é o motivo pelo qual as mãos da amada são mantidas presas. Soltá-las seria condenar-se a vê-la ser arrastada pela correnteza implacável.

Manuel Bandeira<sup>35</sup> conta que o poeta Alberto de Oliveira teria apostado ao lado do verso “Grita; e os seus, medrosos, receando” em seu Exemplar d’*Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, hoje no acervo da ABL, o seguinte comentário: “Se não errado, frouxo.” Seria interessante saber o que

---

<sup>33</sup> Bilac; Passos, 1930. p. 75.

<sup>34</sup> Bilac; Passos, 1930. p. 75.

<sup>35</sup> Bandeira, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Artenova, 1998



esse parnasiano teria escrito ao lado dessa segunda estrofe anterior do soneto de Olavo Bilac, no seu exemplar do livro do maior dos parnasianos. Esse apego tolo do parnasianismo à sinalefa, tratando o hiato como um pecado poético imperdoável, para sorte dos leitores de poesia, não afetou Bilac ao ponto de levá-lo a sacrificar a Poesia à forma nesse caso e permitiu que sobreviessem esses versos que, pelo visto, não teriam escapado à pena do autor de *Meridionais Afinal, como lembra Manuel Bandeira, até Camões serviu-se do hiato*.

*Hoje, segues de novo... na partida  
Nem o pranto os teus olhos umedece,  
Nem te comove a dor da despedida.*

A terceira estrofe corresponde à terceira parte do poema, a despedida. A mulher segue seu caminho. Isso explica porque o poeta diz “tive”. Teve porque não pode mais resistir à correnteza. Soltou-lhe as mãos e ela foi arrastada, perdida pelo amante. Agora pertence ao passado. Parte sem pranto e sem a comoção da despedida. Pode-se dizer que ela parte dura e hierática. Isso ajuda a compreender a sucessão de enjambements da estrofe anterior. Sabemos, por experiência, que os idílios são curtos, fugazes face à imensidão da vida. Daí, o encurtamento da estrofe provocado pelo uso desse recurso. Trata-se de uma antecipação talvez de um vislumbre do fim do idílio. Por que parte assim quem foi alvo de tão grande amor? Por que parte indiferente aos “longos anos” em que suas mãos estiveram enlaçadas às do amante?

*E eu, solitário, volto a face, e tremo,  
Vendo o teu vulto que desaparece  
Na extrema curva do caminho extremo.*

Solitário o poeta vê a partida da mulher amada. Essa é a quarta parte do poema. Aqui reina a solidão. A mulher amada parte e o amante vê seu vulto perder-se “na extrema curva do caminho extremo”. Desesperado, o poeta despede-se dos longos anos de felicidade e deslumbramento amoroso.

Da mulher que o deslumbrou, nem o vulto lhe resta. Ela está morta, perdeu-se para ele “na extrema curva do caminho extremo”.

Esse soneto a que Manuel Bandeira chamou de “flor da mais fina poesia<sup>36</sup>”, de rara beleza, não existe solitariamente na lírica bilaquiana. Há ali muitos outros que merecem ser lidos e que não cabe citar aqui, capazes de retribuir, com sobra, o trabalho da busca.

Para o leitor dos nossos dias, o título desse soneto traz para os versos do Poeta pelo menos duas fortes cargas de intertextualidade. A mais óbvia delas é, sem dúvida, o poema de Carlos Drummond de Andrade:

*No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
Tinha uma pedra<sup>37</sup>*

A segunda e também a mais importante referência é a conexão com o poema do italiano Dante Alighieri, a Divina Comédia (La Divinna Commedia), de cujo primeiro verso foi tirado o título do soneto:

*Nel mezzo del cammin<sup>38</sup> de nostra vita  
mi ritrovai per una selva oscura  
chè la diritta via era smarritta<sup>39</sup>.*

José Pedro Xavier Pinheiro assim traduziu esses versos do Poeta de Florença:

---

<sup>36</sup> Bandeira, 1957. p. 102.

<sup>37</sup> Andrade, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. Belo Horizonte: Pindorama, 1930. O poema “No meio do caminho” foi publicado pela primeira na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, em 1928.

<sup>38</sup> Aparentemente, ocorreu um erro tipográfico na edição de que foi extraído o poema de Olavo Bilac, já que a edição em língua italiana traz essa grafia e não ‘camin’, com um só ‘m’, como aparece no soneto, do qual foram consultadas seis diferentes edições, todas com a mesma grafia..

<sup>39</sup> Alighieri, 1965. p. 389.

*Da nossa vida, em meio da jornada,  
Achei-me numa selva tenebrosa  
Tendo perdido a verdadeira estrada.*

O poeta de Itabira encontrou em seu caminho a mais famosa pedra da poesia brasileira, aquela que mais controvérsia e admiração provocou<sup>40</sup>. Aparentemente essa pedra que fascinou e intrigou Drummond ajudou a reformular o cânone poético brasileiro, colocando em evidência o Modernismo e afastando para a zona menos iluminada os poetas da geração de Olavo Bilac.

Já o poeta da Idade Média encontrara “nel mezzo del cammin de nostra vita” ao criador da Eneida, que o guia pela mais extraordinária viagem da poesia do Ocidente cristão.

Quando cita Alighieri no título do seu soneto, Bilac não fala só ao poeta italiano. Essa referência ao autor da Divina Comédia tem também, muito de camoniana. Pode-se dizer que ao citar Dante, na verdade, o Parnasiano cita os dois. Camões foi leitor apaixonado dos poetas italianos, – Dante, Petrarca, Sannazaro, Giovanni Bruno entre outros –, aos quais glosou em incontáveis poemas e dos quais herdou também as formas poéticas. Bilac, leitor de Camões, como pode ser percebido, por exemplo, nos poemas de “Via Láctea”, ao citar Dante não pode deixar de ressoar Camões. O Príncipe dos poetas, ao empreender seu diálogo poético, mirava sempre os grandes e deles muitas vezes se aproximou, atingindo o Sublime a que aspiram os poetas.

## **Considerações finais**

---

<sup>40</sup> O poeta publicou um livro formado apenas pelos recortes de jornal das manifestações provocadas por esse poema a partir de sua publicação na Revista de Antropofagia, de São Paulo, em 1928. (ANDRADE, Carlos Drummond de. *Biografia de um poema*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967).

O parnasianismo é, talvez, o mais longo dos movimentos poéticos já surgidos no Brasil. Até hoje, pelo interior do Brasil afora, incontáveis poetas inéditos ou editados apenas localmente exercitam essa forma. Poemas como esse nos ajudam a compreender porque isso ocorreu. Esse “Nel mezzo del camin” é um soneto descaradamente sentimental, feito à medida do gosto popular. Afastar-se do parnasianismo e afinar a lira conforme outro diapasão foi uma forma, talvez inadvertida, de o Poeta contribuir para a sobrevivência do movimento. E Olavo Bilac soube fazê-lo como poucos. Entende-se, dessa maneira o parnasianismo redivivo que tem virado séculos, bem como se compreendem alguns dos motivos da multidão que acompanhou os funerais do Poeta.

O mais importante é perceber que o poeta que soube fazer-se popular e escrever versos acessíveis ao gosto do seu público, o fez sem deixar de ser o grande poeta que foi. Em que pese o forte sentimentalismo desse “Nel mezzo del camin”, o soneto está carregado de belos achados poéticos, conclui-se por um belo fecho de ouro e foi soberbamente construído. No meio do caminho do poeta modernista tinha uma pedra, no meio do caminho do ser lírico desse soneto havia uma contraparte, que o espelhava e completava. Bilac não o desprezou e legou-nos esses plangentes e doloridos versos de amor.

Este é um ensaio que pode ser chamado de interessado. Isto é, o recorte realizado sobre a fortuna crítica do Poeta destacou certas visadas, especificamente. Buscou-se dialogar com a Crítica tendo por objetivo iluminar as muitas qualidades do Poeta, seja no aspecto formal, seja relativamente ao lirismo que, muitas vezes, atinge altitudes de rara beleza. O soneto “Nel mezzo del camin” foi tomado como amostra de uma certa lírica do poeta, amorosa e construída com o rigor formal dele característico.

Não há aqui, a intenção de “resgatar Olavo Bilac”, ou qualquer outra coisa que possa ser expressa de forma assemelhada. Na verdade, como se tentou mostrar, o objetivo era falar de um poeta que legou à posteridade poemas que merecem ser conhecidos e divulgados. Bilac foi certamente muito maior que sua poesia cívica, cheia de retórica e lugares comuns do

ufanismo mais rasteiro. Esse “Nel mezzo del camin” está aqui para lembrar isso.

### **OLIVEIRA, J. Q. Bilac: Parnasian love lyric**

***Abstract:** This small essay is a partial reading of the critics about Olavo Bilac poems. It is a endeavour of discussing some of Bilac's poetical production which are not usually discussed. Truly, Bilac's poems are not much studied by the University at the present time. It seems clouds of prejudice covered the Poetry of this important poet. Olavo Bilac was the creator of ones of the most beautiful sonnets in the Brazilian Poetry. Multivoiced poet, he sang in different moods, playing his lyre amorously or satirically according to the moment. But we remember only the patriotic ones. Why it occurs? This is one of the questions which this essay tries to answer, It concludes by a interpretative reading of one of his poems, so beautiful as much as forgotten.*

**Keywords:** Poetry; Parnassianism; Bilac

### **Bibliografia**

ALIGHIERI, Dante. La Divina Commedia. In: **Tutte le opere. Firenze: Sansoni**, 1965. p. 387-733

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1949

ANDRADE, Mário de. Prefácio interessantíssimo. In: \_\_\_\_\_. **Poesias completas**. 4.ed. São Paulo: Martins, 1974. p. 13-32

ANDRADE, Mário de. Mestres do passado. In: BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. 254-309

BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1957

BILAC, Olavo. **Os melhores poemas de Olavo Bilac**. São Paulo: Global, 1985

BILAC, Olavo. **Poesia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1970. Coleção Nossos Clássicos

BILAC, Olavo. **Poesias**. 15.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931

BILAC, Olavo; PASSOS, Guimarães. **Tratado de versificação**. 15.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1974

CANDIDO, Antonio, CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira. v. 2**. 3.ed. revista. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968

LAJOLO, Marisa. (introdução sem título). In: BILAC, Olavo. **Os melhores poemas de Olavo Bilac**. São Paulo: Global, 1985. p. 7-17

LIMA, Alceu amoroso. Prefácio sem título. In: BILAC, Olavo. **Poesia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1970. Coleção Nossos Clássicos. p. 5-13

PONTES, Eloy. **A vida exuberante de Olavo Bilac**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944

VERÍSSIMO, José. **Estudos de literatura brasileira. 5. série**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977